

Igreja recomenda atenção às alianças do 2º turno

BRASÍLIA A Igreja vai recomendar a seus fiéis atenção especial às alianças e coligações para o segundo turno. "É preciso olhar com muita atenção, para saber a que preço esses acordos serão feitos", afirma o bispo de Santa Maria (RS) e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Ivo Lorscheiter. Segundo o bispo, a Igreja não deverá apoiar nem Collor nem Lula no segundo turno, mas alertar seu rebanho para que esteja atento aos ministérios que serão anunciados pelos candidatos, "porque ninguém é capaz de resolver sozinho os graves problemas do país".

"Não é que a Igreja vá ficar em cima do muro, mas não é de nossa competência indicar candidatos e sim critérios para facilitar a melhor escolha", explica Dom Ivo Lorscheiter. Pelos critérios da CNBB, aprovados em agosto pelo conselho permanente da entidade, o candidato ideal deve, entre outros pontos, garantir uma reforma agrária "justa e eficaz"; apoiar a luta dos trabalhadores "pela justiça social, pelos justos direitos dos homens do trabalho"; incentivar a participação dos trabalhadores "na gestão das empresas e nas decisões sobre os problemas de toda a sociedade"; e submeter a dívida externa a uma auditoria pública. Além disso, a cúpula eclesial recomenda que o candidato "deve ter provado pela sua vida passada ser prudente, corajoso e comprometido com as justas causas populares".

Apoio a Lula — O ex-presidente da CNBB, um dos 26 membros do conselho permanente da entidade, reunido em Brasília para discutir a conjuntura nacional, faz questão de minimizar a participação da Igreja na boa votação obtida por Lula, principalmente no Nordeste. "Se o apoio da Igreja fosse decisivo, o candidato apoiado pelo bispo de Caxias não teria perdido lá", ironizou, referindo-se a Dom

Mauro Morelli, que chegou a gravar depoimento para a *Rede Povo*, programa da Frente Brasil Popular no horário eleitoral gratuito.

Para o bispo de Rio Branco, Dom Moacyr Grechi, houve uma "inflação" da importância da Igreja na votação de Lula. "No Acre, alguns setores da Igreja sempre trabalharam pelo PT, que nunca ultrapassou os 3% dos votos. Nesta eleição, o trabalho foi rigorosamente o mesmo e o Lula teve muito mais que isso (cerca de 16%)", afirma. Ao contrário do bispo de Rio Branco, Dom Ivo Lorscheiter, tido como progressista durante o regime militar, não poupou farpas ao PT, partido que, segundo ele, teria "muito intelectual e pouco trabalhador".

O ex-presidente da CNBB critica também certas iniciativas do PT "como a invasão da reitoria da PUC em São Paulo e a estatização das escolas e dos transportes". A exceção dos transportes, as outras duas questões afetam diretamente a economia da Igreja católica. As várias Pontifícias Universidades Católicas (PUCs) brasileiras pertencem à Igreja, temerosa também que a estatização do ensino tire da sua contabilidade a imensa rede de colégios e universidades espalhada pelo país.

Incomodado com as críticas contra o PT, o bispo de Rio Branco, Dom Moacyr Grechi, dando mostras da divisão da Igreja quanto ao apoio a um dos dois candidatos no segundo turno, não poupou críticas a Fernando Collor de Mello, do PRN. "Não é de um dia para o outro que alguém passa para o lado do povo, como por milagre ou por obra de uma varinha de condão. É importante olhar para a história e ver quem, de fato, lutou sempre a favor do povo. O Collor é a continuação do passado", atacou.